

A BATALHA

O Congresso dos operários da alimentação

Dissemos, não há muitos dias, que as energias latentes na organização operária surgiram logo que encontraram ambiente propício ao seu desenvolvimento. E, a despeito da campanha pequenina de pequeninos ódios que por aí se faz ainda, esse ambiente de calma vai-se acentuando e as energias vão surgindo.

A actividade de reorganização interna que ora se verifica no seio da Câmara Sindical de Trabalho de Lisboa é, por exemplo, um sinal de bom agouro do despertar dessas energias. A conferência das Federações das Indústrias de Exportação realizada há pouco, é outro. E o congresso que hoje pelas 16 horas, inicia os seus trabalhos na sede da Associação dos Chauffeurs de Portugal, no largo de São Domingos, 11, J, 2.º.

Vão reunir-se hoje os delegados dos operários do ramo da alimentação. Do pessoal dos matadouros aos confeiteiros, dos refinadores de açúcar aos cozinheiros, dos manipuladores de pão dos chocolateiros, todos emitirão a sua opinião sobre assuntos transcendentais das suas classes. E procurarão, principalmente, criar uma corrente de solidariedade moral entre todas as intimas, quanto profundas são as afinidades das suas profissões.

E', portanto, muito alto o objectivo moral a que visa o aludido congresso e oxalá todos os delegados o saibam compreender e definir com nitidez. Desde que as classes que hoje vão reunir-se se apercebam bem das vantagens morais que advêm de uma estreita e inteligente solidariedade, fácil, muito mais fácil lhes será a efectivação das suas pretensões materiais.

Pelas teses apresentadas verifica-se que houve, por parte não só da comissão organizadora, como dos organismos aderentes a preocupação de tornar os trabalhos do congresso amplos e profícuos. Não só houve o cuidado de trazer à tala da discussão os assuntos de carácter profissional e de organização, como os de carácter moral que se prendem com a instrução e educação do operariado. Foram estudadas também as relações dos operários da indústria da alimentação com a C. G. T., visando-se, assim, o alto objectivo de, depois de ligar entre si os operários da alimentação por afinidades profissionais, solidarizá-los em seguida, em globo, com o povo trabalhador em geral. E essa união será feita por intermédio de um organismo novo, que nascerá neste congresso: a Federação do Operário do Ramo da Alimentação.

Este novo organismo virá tornar mais completo o quadro da organização sindical e tudo quanto se faça por construir melhor o edifício dos sindicatos merece o nosso rasgado aplauso.

Não nos compete fazer juízos antecipados mas auguramos para este Congresso os mais frutuozos resultados.

Dirigimos a todos os congressistas as nossas saudações sinceras fazendo votos por que em breve se materializem as resoluções que, para bem da Organização Operária, vão tomar.

Notas & Comentários

Um grande perigo

Pessoa da nossa confiança veio ontem dizer-nos que as vendedeiras do Mercado Agrícola da Ribeira Nova e o público que ali vai abastecer-se correm um grande perigo em virtude da cobertura que de ferro zincado está colocada sobre vigamento de pinho tratado carunchoso, vergado ao peso das referidas folhas numa grande extensão.

Diz-nos ainda o nosso informador que as chuvas vão provocar o desmoronamento de toda aquela cobertura, sepultando os desgraçados que ali se encontram.

Antes que tivéssemos que registar qualquer desastre não seria melhor tomarem-se as providências necessárias? Parece-nos que era preferível.

Sem cabeça...

Não há duas opiniões a esse respeito: as moedas ultimamente saídas da Casa da Moeda são uma autêntica vergonha, não para o seu pessoal operário, mas para quem consentiu que elas fossem cunhadas naquela pessima liga metálica. O celebríssimo sr. Aníbal Lúcio de Azevedo foi em devido tempo avisado de que a liga não prestava, mas desprezou a indicação preciosa que lhe foi dada.

O resultado está patente: os mais insignificantes atriço a cabeça da república desaparece das moedas. Fica uma república sem cabeça, uma república à Aníbal Lúcio de Azevedo...

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

A VIDA DOS RICOS E A VIDA DOS POBRES

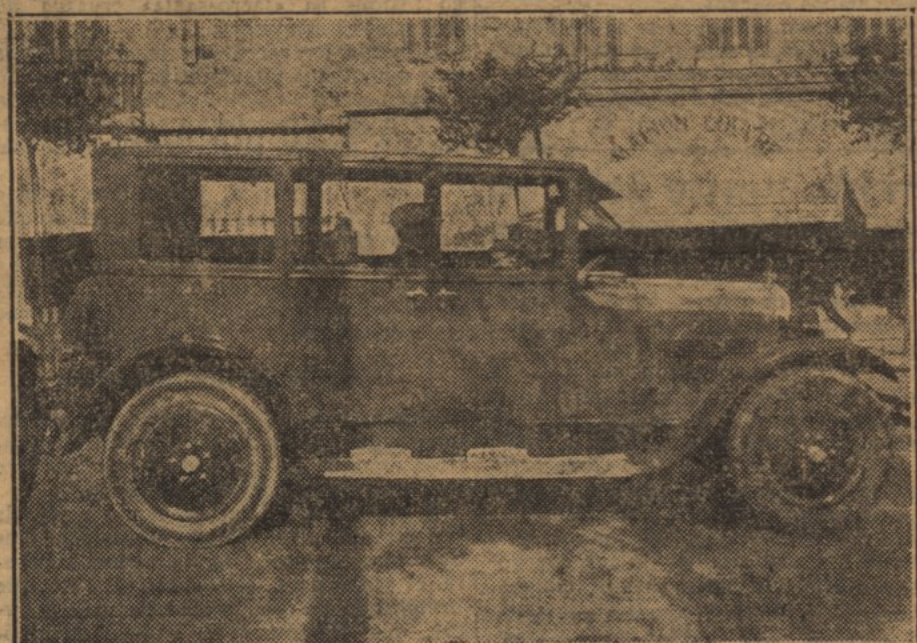
Enquanto os nababos exteriorizam a sua opulência em luxuosos autos, os operários vão fazendo as suas viagens nos autos que a natureza lhes forneceu

... E aquele Roll-Royce que irradiava as suas metálicas constelações jactos luminosos, de bizarro efeito? E aquele Hispano-Suísso que vomita da sua magestade surpreendentes lavas de ouro? E aquele Panhard que desprende da sua magnificência originais grinaldas de um matizado estonteante?

E' o progresso ao serviço privado da opulência. E' a inteligência do homem tor-

vergastado pelas intempéries, que vimos altivos, caminho das suas ocupações em passo rápido, exalando vida e saúde? E aquele quarteto de obreiros, embrulhos colados aos sovacos, saquinhos com o farnel, que marcham celeres pelas artérias, quando ainda o mundo da opulência dorme no remanso da sua alcova?

E' o trabalho a caminho de suas ocupações. E' a plebe que não possui outro meio



... serve para sulcar esses oceanos encapitados, que são as estradas

nando-se património de uma classe — daquela classe detentora da riqueza.

O Roll-Royce é o transporte do accionista da Companhia Amboim, é o meio de condução do director do banco Lisboa e Açores. E dos mais velozes transportes da viação urbana. Serve para a condução fulminante do nababo que à hora matutina vai jogar na Bolsa. Serve para sulcar esses oceanos encapitados que são as estradas portuguesas, levando no seu dorso toda uma classe que não reconhece salutar as viagens pedestres.

O Hispano-Suísso é o rival do Roll-Royce. Em magnificência iguala-se. E' rico de indumentária. Veste luxuosa carrosserie, de cores scintilantes, embriagadoras. E' mais notívago. Escape livre, corta com seu estridido o silêncio da cidade quando febrilmente recolhe com seus amos do teatro.

O Panhard, tipo de classe média do automobilismo, é menos sumptuoso. Todavia tem garbo, elegância. A sua fisionomia é expressiva, de um rigor de linhas agradável. Passa veloz na cidade conduzindo os habitantes do outro planeta económico.

Vem depois o Dodge, expressão nostálgica, que marca uma transição entre a bur-

de transporte e que ritmicamente vence o mesmo percurso a hora certa, em passo cadenciado.

O seu Roll-Royce tem configuração humana. São as suas pernas vergadas às inclinações de uma vida trágica, de uma vida de miséria e de dor.

Desses modernos transportes tem uma pálida ideia, tão pálida que da sua utilidade formou uma concepção errada. O auto, para estes proscritos da sorte, serve para um passeio domingueiro, para um dia de estur-dial.

Mas não é um Hispano-Suísso nem um Panhard, o carro preferido para esse devaneio. O Citroën, o Fiat, o La Zebre, são os autos para esse pequeno desvio da vida mecânica de todos os dias.

Depois vem o regresso à vida primitiva. O transporte para o trabalho faz-se em autotobots, com a mesma expressão de alegria, com o mesmo desprezo pelo auto que esparrinha lama para os seus pobres andrajos.

Se a viagem tem que ser mais rápida para aproveitar a hora convencional da entrada, há um recurso supremo: o eléctrico. Mas quantas vezes, a pesar da fadiga



... aquele quarteto de obreiros, embrulhos colados aos sovacos...

guesia e a classe média. Expulsou o diadema de grandeza e vestiu o crepe de «taxis». Hoje é plebeu, pertence a todos aqueles que tenham três escudos para a primeira fracção.

Todavia o auto é ainda o transporte do rico. Todavia o automóvel é o transmissor da opulência, o agente condutor do fausto nas mais pequenas viagens, nas estupendas exhibições, nos devaneios histéricos.

... E aqueles operários, irradiando nostalgia, que a hora matutina rasgam com sua algaraviada o silêncio da cidade que dorme? E aquele grupo de homens, epiderme

obrigar esses obreiros ao recurso do transporte mecânico, ele não se pode fazer porque a miséria bolsa não comporta o suficiente para as exigências do feudo de Santo Amaro!

Então é vê-los, rostos macerados, exalando toda a sua dor, descrevendo trajetórias apertadas a caminho do emprêgo—desse emprêgo que o tuberculiza.

E no entanto, como que a insultar a sua dor, o Roll-Royce passa, cuspidor do seu ventre o desprezo da opulência.

Alfredo MARQUES

A seguir:
O banco dos ricos e o banco dos pobres

A comemoração do bárbaro fuzilamento de Ferrer

Numa importante sessão efectuada no Porto o sr. Tomás da Fonseca pronunciou um brilhantíssimo discurso de propaganda anti-clerical

PORTO, 14.—Conforme vinha sendo anunciada, effectou-se ontem à noite a comemoração do bárbaro fuzilamento de Ferrer promovida pela Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais de Portugal. O vasto salão do Centro Republicano Democrático acolheu-se literalmente duma assistência escolhida, predominando garri-damente o elemento feminino. A sessão, pois, verdadeiramente realçada pela tritativa, que foi brilhantemente realçada pelos distintos professores srs. Tomás da Fonseca e Viana de Lemos, excedeu sobremaneira todas as expectativas, ficando indelevelmente gravada na memória de todos os ouvintes.

Pelas 21 horas e 20 minutos o camarada Mário Ferreira, depois dumas breves frases alusivas ao acto, nomeia a seguinte mesa para presidir às duas conferências: Serafim Cardoso Lucena, presidente; 1.º e 2.º secretários, respectivamente, Margarida Peixoto de Barros, pelo Grupo Anarquista Feminino «Luís Michel», e Abílio Ribeiro, delegado da Federação das Escolas.

O presidente traça o elogio, embora reconhecendo que ele já é bastante conhecido no país, do sr. Tomás da Fonseca, espírito culto, adversário enérgico do clericalismo prejudicial ao desenvolvimento da liberdade dos povos, um entusiasta prosélito do livre Pensamento Humano, um fervoroso amante do Ensino Racionalista, pelo qual foi fuzilado o grande Apóstolo da Escola Moderna—Ferrer. Terminando por dizer que Tomás da Fonseca tem, com o seu esforço denodado, contribuído imenso para a destruição do ensino fradesco, tarado, a-fim-de ressurgir um Portugal Livre e, portanto, de se caminhar para a Perfeição—concede a palavra ao ilustre professor referido, em honra do qual reboia pelo ambiente do salão apilhado de gente, uma vibrante e prolongada salva de palmas.

O conferente, num tom de nímia modesta, acha demasiados os elogios que lhe são tributados: não é nada daquilo que o julgam ser, apenas é um homem com muita boa-vontade, procurando sempre casar os seus actos com os seus pensamentos. Não vem propriamente fazer uma conferência, pois não está preparado para ela, mas diz algumas palavras, algumas das quais atingirão, certamente, a inolvidável figura moral e idealista de Francisco Ferrer. Contraste curioso: a comemoração do fradesco fuzilamento de Ferrer, evocando o vulto gigante do Homem amante da Humanidade, junta-se a romagem jesuítica a Futimide, que nos recorda todo o fanatismo que oblitera a consciência de um povo. E' a ingente luta entre Deus e o Diabo, do qual falará mais adiante. Em alguns países, Deus triunfa, efêmeramente: são os países retrógrados onde impera a tirania politico-clerical; noutros, o demónio vai de avançada: é onde se desenvolve o espírito de Liberdade, de Independência, de Consciência livre.

O conferente salienta a seguir que se impõe uma reforma completa da História, reabilitando-a à luz clara da Verdade e da Razão. As investigações, as experiências que afortunadamente se têm feito através os tempos, têm demonstrado que a verdadeira História há sido premeditadamente sofismatizada—resguardando-se cuidadosamente determinados factos, sequestrando-se cautelosamente certos documentos elucidativos do passado. Antes da República existiam obras na Universidade (biblioteca) com a nota de «reservado». Só podiam compulsá-las os lentos ou os cónones. Hoje, felizmente, já não acontece bem assim.

Para provar que a sofismatização da História criou muitíssimas lendas, verdadeiros erros históricos, cita, por exemplo, a que se refere a D. Inês de Castro. Afirma que ela foi apunhalada, quando ela foi degolada como era próprio da sua dignidade e da sua época. Depois de enumerar outras lendas e outros erros, como a luta de Afonso Henriques e o Vaticano, alude à laranja religiosa do marfrio das mil virgens — as quais se devem multiplicar por outras milhares, visto que em toda a parte dizem possuir delas braços, pernas, troncos, ossos.

Nem só a História tem sido corrigida nos seus desvios, desvendando-se a verdadeira pureza dos factos: tem-no sido também a técnica, a arte, a sociologia, a moral. Através de todas as épocas tem-se sempre procurado esta moral — a Moral Universal, pela qual os povos atinjam a fraternidade. E' devido a esta necessidade que a questão entre o Capital e o Trabalho se vai amenizando, aplacando-se os acordos entre as duas partes.

Volta a falar do diabo, lendo um interessante trecho de um livro, demonstrando à assistência como ele, antigamente, era pintado uma coisa monstruosa, repulente, tremenda, acusando-o de se intrinsecar em tudo e em toda a parte, em todas as infelicidades humanas, em todas as manifestações de maldade ou de revolta contra todas as tiranias. E' o diabo culpado de tudo quanto se passa de desgraçado para o clericalismo, para o poder papal de Roma... Demonstra que as perseguições aos espíritos livres já vêm da Grécia, da Babilónia, fazendo o perfil, conquanto ligeiramente de pensadores como João Huss, Tomás Moore, Savanarola, etc.—aludindo aos massacres dos albigenses e outras seitas.

Falando da acção gigantesca, da obra monumental de Ferrer, asseverando que o Mártir já foi reabilitado à face do mundo, reconhecendo-se oficialmente que ele fora inocentemente fuzilado, facto a que aludiram quasi todos os jornais espanhóis e que muitos jornais portugueses traduziram—detém-se largamente na apologia entusiástica da Instrução, na defesa da utilíssima obra das Escolas, das Bibliotecas e dos Livros, citando este interessantíssimo caso: um dia uma criança, que nunca recebera a menor educação sobre o culto que se deve aos livros, lançou na rua fogo a uma biblioteca. Vítor Hugo que ocasionalmente presenciara aquele acto estupendo, profundamente emocionado admoestou a criança. Preferiu-lhe um grande discurso, no qual lhe fez sentir a barbaridade do seu gesto, a enormidade do crime que cometera devolvendo nas chamas do incêndio uma infinitude de espíritos geniais, cujos nomes evocou com sentimento e devoção. Mas no fim desta formidável raspança, a criança, muito friamente, muito indiferentemente, respondeu: *Pois sim, mas não sei ler!*... Tinha dito tudo. E', portanto, indispensável travar uma luta intensa contra o analfabetismo — para se banir os tristíssimos efeitos do género do apontado.

Tomás da Fonseca, depois de se alongar em mais considerações importantes que prenderam a atenção da assistência, termina a sua brilhante conferência por se referir ao monumental Congresso Eucarístico recentemente efectuado na América do Norte — em Chicago — servindo-se, para isso, duma revista que recebera.

O conferente enumera: a sumptuosidade do comboio, todo forrado de púrpura e pintado de vermelho, que conduzia o delegado do papa e toda a multidão de cardeais, bispos e demais dignidades eclesiásticas encadenadas nas variegadas cores das suas vestes resplendentes de riquezas; os 40.000 automóveis de todas as marcas e de todos os luxos que transportaram ao vasto recinto da solenidade da bênção toda a casta de velhos e novos ricos; as milhares de preces, as milhares de rezas, os milhares de cânticos entoados pelos milhares de fanáticos e pelas milhares de religiosas; os espantosos decotes das milhares de senhoras que foram luxuosamente vestidas em fim, o milhão de assistentes que assistiram ao Congresso da Eucaristia e da sua deglutição mística.

Naquela imensurável parada clericalística, única nos annais da história do catolicismo romano, estava conglomerado o que há de melhor na representação de Deus, Todo Poderoso. Nada, pois, havia a reacar. Deus, lá nas alturas, vigiaria pela integridade dos seus ministros, os mais santos e os mais categorizados, e por os seus devotos, os mais crentes e mais ricos... Mas... mais uma vez se apresentou a eterna luta entre Deus e o Diabo. O céu principiou a talar-se, a enublar-se plumbemente; o ar começou de agitar-se fortemente; o trovão ribombou, assustando toda aquela gente a orar a Deus, e temíveis caudais pluviais, semelhando um horrível dilúvio, caíram sobre aquela parada reaccionária—enxugando toda a paramentagem clerical e todo o vestuário opulento dos fieis que, distantes dos templos e de outros edifícios, não tinham onde se abrigar. A ventania esfarrapou as vestes, a chuva não deixou enxuto um único membro do corpo — e toda a policromia das roupas tingiu os unguedos representantes do Alifim, ficando variegados como as zebras... Os padres, os abades, os cónegos, os bispos, os cardeais e o delegado do papa, viram em tudo aquilo uma vingança do diabo.

Mas Deus não tinha sido totalmente vencido: conservava-se, enxuto e omnipotente, dentro do Ostensório; em corpo, espírito e divindade, estava intactamente encerrado no interior da Custódia. Um repêlido inesperado, porém, proveniente da debandada imposta pela tempestade, fez com que aquela sacral, orfúlica e brilhante peça fosse feita em pedaços — nem o que tinham de mais sagrado escapou... As fúrias do Demónio... O Diabo triunfou em toda a linha... E' verdade que o articulista católico que em católica revista narra este acontecimento, dá-nos uma desculpa de que nem todos os assistentes eram religiosos. Talvez, pois, vindo que possivelmente a maioria não era verdadeiramente crente, Deus se colocasse ao lado do Diabo, do mais forte, segundo um dito tradicional... sofrendo Roma um tremendo revés na sua autoridade infalível e poderosa como nunca sofreu... E, certamente, quem escreveu estas informações tão ao vivo num próprio órgão clerical vai acabar por ser excomungado e com ele a própria revista...

O esplêndido número do Suplemento literário de amanhã

E' esplêndido o número do Suplemento de A Batalha que amanhã se publica e que é esperado com grande ansiedade pelos seus leitores.

Dedicado a sua primeira página a dois assuntos da semana de mais palpitante interesse operário: o conflito entre os vendedores de jornais e os condutores dos eléctricos e o aniversário da morte de Francisco Ferrer, aprecia-se num soneto admirável da autoria de Roberto das Neves, estudante de Letras da Universidade de Coimbra.

Prossegue a útil publicação da carta a uma criança de oito anos, na qual o distinto engenheiro agrónomo sr. Júlio Eduardo dos Santos versa os mais amplos problemas de educação.

O triunfo da beleza sobre os preconceitos dos homens é um género de literatura quasi inédito em Portugal, é um conto de carácter colonial cheio de imprevisto e de interesse no qual Artur Monteiro de Castro aborda a velha questão das raças.

Mário Domingues satiriza os que defendem com argumentos chãos o academismo na pintura de arte.

A tragédia da vida do palhaço é uma soberba crónica de Nogueira de Brito sobre aqueles que fazem rir o público, quando sua alma está enlutada de dor.

Jesus Peixoto em linguagem singela e clara aprecia a escravidão dos homens através da humilhação dos cães.

Não é esquecida a grande figura de Francisco Ferrer num artigo admirável.

PORQUE ENCARRECE O PEIXE?

A Associação dos Descarregadores de Mar e Terra atribue à ganância dos armadores a elevação do preço do peixe

Ripostando às declarações feitas ao redactor da Batalha pelo armador sr. Sebastião Cristovão a Associação dos Descarregadores de Mar e Terra enviou-nos o comunicado que a seguir publicamos:

«Novamente A Batalha, vem a lume, na campanha contra a carestia da vida, com a questão do peixe, publicando uma entrevista com o armador sr. Sebastião Cristovão, que nos leva novamente a vir à lica, para que o público consumidor fique conhecendo bem de perto quais os motivos da elevação do preço do peixe.

Aponta esse senhor como principal motivo, a falta de um cais acostável onde possam descarregar os barcos o peixe necessário ao consumo.

Se é certo que a Câmara Municipal se lhe podem assacar responsabilidades neste momento assunto, essas responsabilidades ficam no entanto muito faquem daquelas que cabem aos srs. armadores.

Qual o motivo por que a câmara retirou o consentimento para que descarregasse mais um barco onde hoje se efectuam as descargas do lixo? Que motivos imperiosos presidiram a esse gesto? Incidia dos srs. armadores, ou sugestões estranhas?

Não é, já o dissemos e continuamos a afirmar, por insuficiência de cais ou pessoal habilitado que não se descarrega o peixe em suficiência para o consumo. Se não chega o cais actual, porque se não vai descarregar ao Cais do Gás? Já não era a primeira vez que assim se fazia. E se ainda isto não fosse bastante, preguntamos aos srs. armadores porque é que os seus encarregados tem ordens de mandar descarregar aquilo que entendem ser suficiente?... Por exemplo. Um barco que traga 50 toneladas descarrega 25, ou menos, para que pela sua escassez, na lota, possa ser vendido mais caro. Descarregando ao outro dia o restante, o que, indubitavelmente, faz com que os que estão à espera, não só se vão deteriorando o peixe, como também provocando a alta, sempre conveniente.

E' ou não, srs. armadores, propôsido o assambarcamento?

Se se tratasse deste caso com um pouco de consideração pelo público consumidor, que além de comer caro, muitas vezes se envenena, teriam então os srs. armadores autoridade para falar. Assim, tudo quanto digam para que o público não veja neles os responsáveis não passa de mentira.

Tem-se feito fortunas fabulosas à custa do peixe. No entanto os srs. armadores quando surge uma reclamação com o seu pessoal, convencem-nos de que estão fartos de perder dinheiro, e que vão amarrar os barcos...

Por muita vontade que amanhã os armadores mostrassem em bem querer servir o público, o que este está bem longe disso, o estado de coisas presente há de continuar a manter-se, para gáudio dos exploradores do povo.

No nosso último comunicado referimos-nos a que os governos poderiam pôr cobro a este estado de coisas, mas esquecemos-nos que os principais accionistas de várias companhias pesqueiras são os srs. António Maria da Silva, Alvaro de Castro, Afonso Costa, etc. E que ultimamente os srs. armadores conseguiram assistir a um conselho de ministros para que este, como de facto consentiu, autorizasse a fazer uma série de medidas tendentes a afectarem as classes marítimas.

Eis, pois, mais uma vez demonstrado a quem cabem as responsabilidades da alta do preço do género que é um principal alimento das classes trabalhadoras.—A Associação dos Descarregadores de Mar e Terra.

UMA PRETENSÃO JUSTA

Os enfermeiros e enfermeiras sub-chefes reclamam a sua exclusão da escala dos piquetes diurnos e nocturnos

O enfermeiro pertence a uma das classes de deficiente organização de trabalho. Devido a essa anomalia esse modesto funcionário hospitalar trabalha sem conto, estando-lhe vedado aquele descanso que o seu fatigante labor impunha.

Ultimamente, em virtude dessa circunstância, os enfermeiros sub-chefes manifestaram o seu descontentamento em face da ordem de serviço n.º 354, ordem que tornando-os responsáveis como os chefes do extrativo de haveres hospitalares, não os isentava de outros serviços a que a sua categoria já se não ajusta.

Diz essa ordem em síntese: «que fiquem solidariamente responsáveis, por todo o material inventariado em cada enfermaria, o enfermeiro-chefe e o enfermeiro-sub-chefe, indemnizando conjuntamente estes dois empregados o cofre dos hospitais pelo valor das faltas que venham a encontrar-se, na proporção dos seus respectivos vencimentos».

Ora os enfermeiros sub-chefes, não querendo engeitar responsabilidades que lhes possam caber no inventário das enfermarias, querem todavia, ficar isentos da escala de piquetes como fundamentalmente o proclamam na representação seguinte que vai ser presente ao dr. sr. João Pais de Vasconcelos, director geral dos hospitais civis de Lisboa:

Ex.º Senhor Director Geral dos Hospitais Civis de Lisboa.—Os enfermeiros e enfermeiras sub-chefes dos hospitais civis de Lisboa vêm perante v. ex.º ponderar certos factos tendentes a fundamentar a justiça duma pretensão que há muito acaletam por não ser nova em serviços similares noutros estabelecimentos do Estado, se bem que fora da superintendência de v. ex.º

Esta pretensão é, senhor director, a revogação no art. 95.º do Regulamento Geral dos Serviços Clínicos, das atribuições dos

TEATRO DA TRINDADE — Telefone: 976 T.
HOJE
GRANDIOSO ESPECTACULO
DA COMPANHIA
LUCILIA SIMÕES-ERICO BRAGA
Reprise da festividade mais bela
O Principe João
Nos intervalos, em concerto, a grande pianista francesa Irène Lambert, 1.º premio do Conservatório de Paris
Preços iguais ao da temporada anterior
O mais bonito espectáculo de Portugal

TEATRO SALAO FOZ
Matinées às 3 h. — Soirée às 8,45 h.
UNICO DOMINGO em que se apresentam OS GRANDES EXITOS DE VARIEDADES
ARTELLI — GUITART
Dueto lírico (tenor e soprano)
ELIANE ET PAULETTE AMY
Cançonetistas-bailarinas francesas
PITUSILLA
cançonetista comica fantasista
TITINETTE
Coulletista
No escuro: 15 APARECIMENTOS INDEMISSOES partes
Concerto pela FOZ MELODY BAND
PREÇOS ULTRA POPULARES
Superior, 2800; Platão ou Balcão, 2400; Camarote, 1300; Frizos, 2000; Convidos 600

pretendentes em simultaneidade de serviços com o restante pessoal, isto é, a sua saída da escala dos piquetes diurnos e nocturnos, e isto por razões que passam a expor:

Pela ordem de serviço n.º 254 de 28 de Agosto de 1918, foi aos pretendentes concedida solidariedade de responsabilidade no inventário das enfermarias que antes só era atribuída ao enfermeiro chefe.
Representa isto obrigação da sua parte, de serem vigilantes na defesa da fazenda hospitalar a seu cargo, atribuição que até certo ponto não pode ser exercida por incompatibilidade com o serviço que desempenham. De facto, exercendo os sub-chefes serviço de piquete diurno e nocturno, têm estes serviço responsabilidades que bastam, a absorver-lhes a atenção, sem que ela se possa desviar para vigilância de outras obrigações; mas como a falta desta lhes pode acarretar prejuizos materiais, é inevitável uma dispersão de actividade prejudicial à execução perfeita do serviço.
Além disso, obrigando o n.º 3 do artigo 95.º, art.º 143.º e outros do mesmo Regulamento à permanência na enfermaria do chefe ou sub-chefe, o serviço, tal como está não se compadece com semelhante preceito (se bem que justissimo) por incompatibilidade com as folgas que a um, pela ronda, e a outro, pela vela, de direito lhes pertence.
Também em abono da nossa pretensão, visto que invocamos os serviços de vela e de ronda, devemos dizer que muitos casos se dão de enfermeiros sub-chefes, durante o seu serviço nocturno, serem rondados por enfermeiros de 2.ª classe, nesse serviço investidos por fortuito impedimento do enfermeiro chefe ou sub-chefe a quem compete, por escala, o cumprimento dessa obrigação.
Não é nova, dissemos, em serviços similares a pretensão dos sub-chefes dos hospitais a seu digno cargo, porquanto no Manicómio Miguel Bombarda, no Hospital Escolar, no Hospital da Universidade de Coimbra e mesmo nalgumas enfermarias dos Hospitais Civis de Lisboa, os sub-chefes não fazem serviço de escala. Por isso, pedindo essa regalia, como principio de igualdade para todos, isto é, a exclusão dos piquetes para os enfermeiros e enfermeiras sub-chefes, dá-nos maior e mais perfeita harmonia nos serviços internos de cada enfermaria pela divisão do trabalho e da responsabilidade entre o chefe e o sub-chefe, e tem, acima de tudo, intuito moralizador, por se tornar extensiva a igualdade de tratamento entre os empregados da mesma categoria.
De v. ex.ª, sr. Director, que ao lado dos seus actos administrativos sempre tem colocado os principios de justiça, esperamos os signatários deferimento à sua modesta pretensão.

Estamos certos que o dr. João Pais de Vasconcelos, atentas as razões dos enfermeiros e enfermeiras sub-chefes, não deixará de fazer-lhes justiça atendendo à sua legítima pretensão.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5316, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 600. Acreditamos que desejem adquirir quantidade far-se-há um subsídio de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.
Debitos a admnistração de A BATALHA

AGREMIACÕES VARIAS

Associação de Jardins-Escolas João de Deus. — Reúne no dia 23 do corrente a assembleia geral, pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:
1.º Resolver-se a Associação deve ou não federar-se na Federação das Instituições de Caridade Particular. 2.º Em caso afirmativo, dar a sua opinião sobre o projecto dos Estatutos da referida Federação e apresentar as emendas ou alterações que julgue necessárias. 3.º Dar o seu parecer sobre uma pequena alteração a fazer nos Estatutos da Associação. Não havendo numero fixa desde já feita nova convocação para o dia 24, à mesma hora.
Grémio Excursionista Civil do Monte. — Na sua Sede, rua da Graça, 162-1.ª Esq., realiza-se hoje uma sessão de homenagem a Heliodoro Salgado e Francisco Ferrer. Para esta sessão que se realiza às 20,30 horas, foram convidados a Associação do Registo Civil, Federação do Livre Pensamento, Ladislau Batalha, Berto Ferreira, Paulo Caldeira, Machado Toledo, José de Almeida, Fernandes Alves, Diamantino de Almeida, Máximo Barros e Francisco António da Silva.

TIVOLI
Telefone n.º 5474
Matinée às 3 h. — Soirée às 9 h.
ULTIMA EXIBIÇÃO
MATEI!
Drama de Roger Blon, com o eminente trágico japonês Sessue Hayakawa e Ingeborg Duflos, Maximal e o pequeno Maurice Sigrist
Pela Porta de Serviço
Deliciosa comédia pela célebre Mary Pickford
UMA CINE-FARÇA
REVISTA MUNDIAL
AMANHÃ:
TAMARA
com John Gilbert e Aileca Bringle

Novidades literárias
CAVALGADA DO SONHO
E
TERRAS DE FOGO
— DE —
Juliano Quintinha
2.ª Edição — Escudos \$800
A' venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha
A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha

SOLIDARIEDADE

Uma festa em favor dos presos sociais manipuladores do pão

Promovida pelo Sindicato dos Operários Manipuladores de Pão realiza-se hoje, às 21 horas, no Salão da Construção Civil uma grandiosa festa em favor dos presos sociais da classe, com o seguinte programa:
1.ª parte: representação da comédia em 1 acto «Uma anedota», e o entre-acto dramático «O operário e o ladrão»; 2.ª parte: representação do drama em 1 acto «Mentira» e um acto de variedades no qual tomam parte vários amadores.
Por especial deferência toma parte nesta festa a troupe musical «Os Bichinhos».
Por Guilherme Artibeiro foi entregue à Secção Profissional dos Pedreiros a quantia de 41\$50 produto duma quete aberta nas obras do Manicómio em favor de Francisco Branco.
Joachim Branco declara-nos que recebeu do secretário da Secção Profissional dos Pedreiros a quantia de 41\$50, produto duma quete aberta em seu favor.

Em auxílio de David Morgado

Realiza-se hoje, pelas 14 horas, no Salão de Festas da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, a festa em auxílio deste camarada que se encontra impossibilitado de trabalhar. Subirá à scena a empolgante peça em 3 actos, a «Má Sina», a qual será desempenhada pelo distinto Grupo Solidariedade Operária. Abrihanta esta festa, por especial deferência, a aplaudida Troupe «Os Bichinhos».

Pró-Casimiro Firmino

Casimiro Firmino, esse inteligente e dedicado militante juvenil que a doença há cerca de dois anos arremeceu para um catre do hospital, ainda continua enfermo. Por esse motivo um grupo de amigos no intuito de suavizar a sua situação resolveu constituir-se em comissão com o fim de semanalmente angariar uma verba certa. Para o efeito organizou um questionário que pode ser preenchido por todos aqueles que desejem auxiliar Casimiro Firmino.
Qualquer camarada que o deseje fazer pode dirigir-se ao Sindicato Mobiliário, travessa da Agua de Frio, 16, todos os dias das 21 horas em diante.
Casimiro Firmino encontra-se no hospital do Rêgo, enfermaria 4, onde pode ser visitado.

SANGUE NOVO?

Sangue Novo? Sangue Puro? Quem o não deseja possuir?
Ele é a origem da vida, da saúde, da alegria, do bem-estar da humanidade! É tão indispensável ao organismo o comer, como é indispensável purificar o sangue. Não se comendo morre-se; não se purificando o sangue caminha-se precipitadamente para a morte.
E o pior é que esta morte é proveniente de um sangue mau, emborreado pela sífilis e doenças várias, e precedida de terríveis sofrimentos, de reumatismo, do estômago, dos olhos, de escrofúloso, de chagas dolorosas. O sangue pobre toma todo o organismo, arruinando-o, perturba as funções cerebrais impossibilita o homem para o trabalho, enfraquece-o, enche-o de tristeza, abre-lhe o caminho de uma morte tremenda.
Pelo contrário, um sangue puro, novo, fortificado, esclarece o espirito, facilita as digestões, é um seguro perseverante contra todos os males, tornando a vida alegre e fácil. Como podem adquirir um sangue novo os que já o têm estragado?
Só um remédio infalível está hoje reconhecido para esse efeito. E' o

Depurativo Dias Amado
invento maravilhoso, que tem aliviado e curado milhares de pessoas. Muita gente o conhece no país e são esses que melhores informações podem dar, pois devido a ele nunca mais sofreram de males que até aí faziam da sua vida um calvário
A' venda na Farmácia Ultramarina
Rua de S. Paulo, 99-101

Por bem fazer...

A' Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, recolheu Mercante Martins de Oliveira, de 26 anos, natural e residente no Casal da Pucará, freguesia de Enxara do Bispo, concelho de Mafra, e que ali, ao apartar uma desordem entre vizinhos seus, foi atingido com uma paulada, ficando muito ferido na cabeça.

CARTA DO PORTO

O trágico incêndio da avenida da Boa Vista

A falta de água e a incompetência dum Inspector de bombeiros, causas principais da morte dos bombeiros

PORTO, 15. — Depois do pavoroso incêndio que devorou por completo a Estamparia do Bulhão, o que se seguiu em idêntica e sinistra grandiosa foi o que agora destruiu o palacete do banqueiro Manuel de Oliveira, da avenida da Boa Vista.
No vulgo, o que agora se trata a respeito do igneo sinistro que vitimou seis infelizes bombeiros municipais, não é da má construção do edificio derrocado, a pesar de ser espalhafatoso e pertencente a um riquíssimo capitalista, mas da falta dum elemento indispensável que permitiu o desenvolvimento da voragem incendiária das labaredas — a eterna e irritante falta de água...

Aqui todos os incêndios são rapidamente localizados — quando os incêndios não... ardem...
Quando foi do fogo que lambem por completo a Estamparia do Bulhão, reconheceu-se que essa circunstância arripadoramente desastrosa se deveu muitíssimo à falta de água: se ela fosse mais assídua nos canos bem limpos, talvez, era quasi certo, que o incêndio não tornaria as gigantescas proporções que tomou, sendo dominado pelo heroísmo e pela pericia das corporações dos bombeiros...

Então levantou-se um clamor público e jornalístico contra essa tremenda ausência de critério de uns, contra o desleixo de outros, contra o desprezo da Companhia das Águas e contra a cumplicidade duma Câmara Municipal que pouco se preocupava com os interesses dos municípios e com os perigos evidentes a que nunca deixou de estar exposta a cidade do Porto...
O Porto não podia continuar a permanecer nesta verdadeira chuchadeira da falta de água...

O tempo foi voltando as suas folhas dos dias passados, a destruição da Estamparia do Bulhão foi-se apagando da memória do nosso respeitável, o aquecimento da polémica contra a Companhia das Águas pela falta do liquido que se nos propôs fornecer, esvaziou-se com a extinção dos últimos reverbos do desastre — e tudo ficou como dantes, se não pior. Passado o primeiro sinistro, não se pensou mais no segundo...

Até que acabou de estalar, espantoso, fenomenal, devido ao «descuido» duma criada que, tendo estado a passar a ferro com um «ferro eléctrico», se esquecera depois de desandar o interruptor — e sobretudo mereu outra vez da revolta, provocando humilhante falta de água... e até da falta de um telefone na 17.ª esquadra de policia instalada em frente do edificio em chamas, isto também por culpa duma Companhia — oh! as Companhias! — da Companhia dos Telefones que, igualmente se avessa a cumprir com os seus deveres... Se houvesse o telefone, a chamada dos socorros seria feita mais rapidamente...

Na invicta falta tudo — até vergonha... Os bombeiros compareceram a tempo para cumprir a sua arriscada — sangrenta — missão humanitária. Mas perderam quasi todo o seu tempo à procura... de água, enquanto os rolos de fumo e a vermelhidão fulva das labaredas diabólicamente se iam ateando com impeto assustador — enquanto o nosso senhor Carlos Pereira estava talvez muito descansado em sua casa com a água do Rio Sousa fechada no seu maquinismo avariado...

Não é a queima do palacete e da parte do riquíssimo mobiliário do banqueiro que nos doi — o que nos conflagra são aquelas vítimas que se contorcem, que se esmagam, que se queimam e asfixiam nos escombros das derrocadas... Desastre horrível que não perturba a digestão da impune Companhia das Águas...

Pois é verdade! Depois de tantos longos meses decorridos do incêndio da estamparia do Bulhão, verifica-se que o incêndio da Boavista foi até ao fim, porque não houve água para os bombeiros poderem trabalhar convenientemente — mas que houve a morte, como supremo escárnio e supremo castigo, para seis «heróis», a cuja corporação e a cujas famílias, a cidade oficial sensibilizada apresentará as praxistas e efêmeras, como os mais ligeiros meteoros, condolências sentidas... voltando tudo à primeira forma e a cidade à tradicional falta de água — aquela falta que sempre se verificou nos incêndios que não são a fingir, que realmente ardem...

Falamos em heróis que morreram, neste caso, pelos haveres dos ricos e pelos próprios ricos que causam tanta infelicidade humana. Pois bem: aludamos, então, muito ligeiramente ao que observamos na opinião pública e até a quem anda metido e é sócio de corporações de bombeiros voluntários. Há quem diga que as mortes são mais devidas à incompetência do inspector dos incêndios, sr. Vitor Hugo, do que propriamente às derrocadas...

Sim, o palacete, a pesar de magnifico, era de má construção: de madeira e cascalho, com colunas, janelas, platibandas, etc., revestidos de cimento para dar a impressão de que era tudo cimento armado. Sim, interiormente mesmo só tinha uma parede divisória feita em pedra, pois o resto era tudo tabique. Mas, no entanto, afirma-se que os bombeiros hesitaram certo momento em avançar para o sitio onde, mais tarde, haviam de perecer, por terem notado qualquer perigo. Mas ordens são ordens, e os bombeiros foram disciplinadamente forçados a avançar, para demonstrarem que não tinham medo...

Isto diz-se, a incompetência do inspector dos incêndios está em dúvida. Exagera-se? Não sabemos porque não compreendemos nada disso. O que sabemos é que esse caso já foi ventilado há tempos pela própria imprensa do burgo que o flagelou impiedosamente. O que sabemos é que a corporação a que preside nunca morreu de amores por ele — chegando, em tempos idos, a rebelar-se contra ele...
Ora não seria bom um inquérito? Não, não é preciso, porque isso não daria nada...

Emfim, ardeu um palacete de um banqueiro, ardeu morreram seis desgraçados que em vida foram explorados pelo capital e pelo Estado...
Descrever todas as fases do incêndio não vale a pena: os incêndios são todos mais ou menos iguais — principia por um lado, atinge todos os lados e termina quando devorou tudo... por falta de água da Companhia das Águas... Só isto — nada mais...
C. V. S.

INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação
A Comissão Escolar da 3.ª Secção (Marvila), resolveu nomear os camaradas, Raúl Teodoro da Silva e José da Silva Viana, para os cargos respectivamente de secretário e tesoureiro desta secção, tendo sido aceite a oferta do camarada José António Cabral, que se propõe realizar a cobrança na área de Marvila e seus arredores, sem remuneração alguma. Devido a grahiatopográficas se comunica que não foi de 174\$00 a parte que coube a esta secção da festa pro escola noturna, mas sim da quantia de 147\$00, e que as aulas de primeiras letras e instrução primária, são para todos os empregados no comércio, operários e seus filhos, e não só para os operários sem filhos.
Por amável solidariedade do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, foram cedidas à 4.ª Secção desta Universidade, as suas salas para a instalação de aulas de primeiras letras e instrução primária, podendo todos os caixeiros, operários e seus filhos, matricular-se nestes cursos, pois todas as noites das 21 às 23 horas, estará patente a sua inscrição na sede desta secção, Largo de São Domingos, 11-12.

Novo anu lectivo da Universidade Livre
Abrém amanhã as matrículas para os cursos fixos de francês, inglês, português, escripturação comercial, dactilografia, taquigrafia, história e geografia, na sede desta colectividade, na praça Luis de Camões, 42, 2.ª, das 21 para as 23 horas. Estes cursos serão dirigidos por professores dos cursos secundários e podem matricular-se indivíduos de ambos os sexos.
No proximo mês iniciam-se as conferências de divulgação científica para cultura do povo para as quais estão inscritos professores das faculdades e liceus, publicistas, escriptores, etc., etc.

Um incidente político

Segundo uma nota que recebemos da Arcada, o ministro das colónias recebeu um telegrama de Celorico de Basto, firmado pelo sr. Alvaro de Castro, Alto Comissário em Moçambique, e redigido nos seguintes termos:
«Sem noticias certas constando v. ex.ª pretende demitir-se virtude não querer dar-me demissão presto homenagem sua alta figura moral impulso caracter depondo suas honradas mãos cargo Alto Comissário affectuosos cumprimentos. — Alvaro Castro».
Este informe esclarece, certamente, as versões contraditórias que vinham correndo acerca de um incidente havido entre o governo e o Alto Comissário em Moçambique.

A' venda na administração de "A Batalha"

- Cartilha do homem do povo**..... \$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lotorgne..... \$50
O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha..... \$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva..... \$150
Cartas politicas, por João Chagas, diversos numeros, cada exemplar..... \$100
A Humanidade, por Taraf Javoi..... \$130
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin..... \$200
Monarquia Jesuitica, por Melchior Zuchof..... \$200
Os gatos, por Fialho de Almeida, os tres primeiros numeros da 2.ª serie..... \$250
O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva..... \$250
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas..... \$300
A Religião da Humanidade, por José Augusto Corcia..... \$350
A Fiologia perante a História, por Nobre França..... \$500

Uma brutalidade

Faleceu ontem o condutor dos eléctricos agredido com um pontapé

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José, faleceu ontem à tarde, aquele condutor dos eléctricos, José António, de 38 anos, residente na rua Barão Sabrosa, 43, 2.ª, que, como noticiámos, foi, no dia 13 último, agredido com um pontapé, por um passageiro, num carro, na rua dos Retrozeiros. O cadáver deu entrada na Casa Mortuária de onde amanhã deve ser removido para o Instituto de Medicina Legal a fim de lhe ser feita autópsia judicial.

Um protesto da Associação do Pessoal da Carris

Pedem-nos a publicação do seguinte:
«A Direcção da Associação dos Empregados da C. C. de Ferro de Lisboa, protesta veementemente contra a cobardissima agressão de que foi vítima o seu camarada José António, condutor n.º 455, vindo a falecer em consequência das graves ferimentos recebidos, fruto da málevola campanha que certa imprensa tem alimentado».

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Alban» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, Pará e Manaus, sendo da Estação Central dos Correios a última tragem da correspondência ordinária às 13 horas e fechando os registos às 10,30.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA, «IDEARIO», que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:
Doctrina — Critica Social — Educação — Libertaria — Violência — Evolução e Revolução — Violência — Libertaria e Autoridade — Easy e Filosofia — Ideário — Ideias Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Políticos — Letras — Fragmento Incerto.
Preço 1\$500 — Pelo correio 1\$550
Pedidos à admnistração de A BATALHA

CARTA DE COIMBRA

"Salvemos as raparigas..."

Ainda o caso do pseudo enfermeiro brutamontes — Um capitão do exército que «salva» uma rapariga

COIMBRA, 15. — «Salvemos as raparigas!... eis o grito que está em moda na «nossa» sociedade do bom tom...
«Salvemos as raparigas!», eis o que ouvimos a toda a hora apregoado a todos os moralistas e moralões, e o que as tubas da imprensa incessantemente apregoam num ar de tão imponente seriedade, que seria para as «raparigas» agradecerem comovidamente tamanha solicitude, se de sobre não fossem conhecidas ou adivinhadas a «desinteressadas» iniciativas da «nossa» moralíssima imprensa!
«Salvemos as raparigas!», acompanham todos os burgueses e burguesotes leitores assíduos do *Noticias*... e vá de tratar de perder algumas para o *Noticias* depois salvar...

E de facto os nossos impagáveis burguesotes não descansam na fama de fornecerem grosso contingente para a legião de perdidas, indo, subscrever depois, abundantemente, com uns pelintins vinte e cinco tostões na «sacrossanta» cruzada do «Salvemos as raparigas»...
E se nós, irreverentemente, desfechamos uma gargalhada intempestiva, não levando a bemerência a sério, vá de nos deitarem furibundos olhares, juntos com aquela crispada de punhos, reveladora dum ódio mal contido...

Como nós, porém, já estamos fartos e refartos de conhecer toda a podridão que vai na alma destes cavalheiros, eis vamos continuando na nossa faina, escabrosa é certo, de desnascar a hipocrisia disfarçada em generosidade, a concupiscência em moralidade...
Uma estúpida ameaça
Nas nossas últimas crónicas temos revelado alguns casos já, de sobre demonstrativos da onda de imoralidade que percorre toda uma sociedade em decadência.
A acrescentar a quele tenebroso caso da Figueira da Foz, de que são personagens dois «ilustres» rebentos da «élite» burguesa e aristocrata, relatámos já o acto de brutalidade do pseudo enfermeiro José Lucas, que atentou contra o pudor duma jovem de 17 anos.
Mau grado nosso, temos de nos referir ainda a este caso, do que aliás não somos culpados, porque para miséria moral cremos que já basta.

Contudo, a attitude do pseudo enfermeiro força-nos a vir ainda à estacada.
Este sr. José Lucas ficou verdadeiramente atordoado com as referências que lhe fizeram nestas colunas, o que de resto não é para admirar, visto que não serem nada clogiosas e mesmo porque a verdade é um ferro em brasa que queima...
Claro que este figurão nunca contou que a sua proeza viesse a lume na imprensa, já mais sendo a scena passada com uma pobre servicial que ele julgava, talvez, desprotegida...

Impotente para se defender, deita mão da ameaça de que chamaria a rapariga à policia, como se um caso de imprensa estivesse debaixo da alçada de qualquer policia!
Já este cavalheiro quer armar em moralão, aproveitamos a oportunidade para lhe declarar que a servicial Maria da Costa Cantante confirmou, na presença de testemunhas idóneas, as nossas referências em A Batalha, e está pronta a manter essas declarações onde for preciso, inclusive na barra dos tribunais. Compreendeu, sr. José Lucas?

E isto enquanto nos limitamos a ficar por aqui, porque se nos dispomos a autopsiar o «coior» de comilões que é a Associação «Igualdade», de que o sr. Lucas é uma das principais «frieiras», então o caso é outro...
Haja em vista que têm sido feitas as mais graves acusações contra esta instituição, sem que tenham tido, até à data o mais leve desmentido.
Ainda a propósito deste assunto fomos informados de que o pessoal da Associação dos Hospitais Civis pretendem reunir na sede da Delegação para apreciar o facto de o tal sr. José Lucas estar exercendo indevidamente o cargo de enfermeiro no posto da «Igualdade».

Porém, outro poder mais alto se levantou, pois que o sr. Aires Barata, enfermeiro chefe dos Hospitais da Universidade e vice-presidente da Delegação, «não consentiu» que se fizesse a aludido reunião, recusando-se a fazer entrega da chave da sede a uma comissão que se propunha levar a efeito a reunião.
O mais interessante ainda, é o sr. Aires Barata ameaçar a comissão de que se queixaria ao sr. director se insistissem nos seus propósitos!
Não sabemos que poder oculto levaria este sr. Aires a assumir esta attitude, quasi se solidarisando, assim, com o acto do José Lucas, o que parece não ser muito de admirar, visto tratar-se de assuntos de menores...

Este sr. Aires Barata tem sido dos enfermeiros do hospital que mais têm barafustado contra as criticas que sobre a organização hospitalar nestas colunas temos feito, e embora até agora nos tivéssemos limitado a apontar os factos sem nos referirmos a nomes, algumas dessas criticas têm-lhe assentado como uma luva, o que levou este sr. Aires a desabarar, há tempos, com um amigo nosso, de que A Batalha era colaborada por uma «corja de garotos». Claro, que o epiteto lhe devolvemos intacto...

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Alvaro Carlos Ferreira
Faleceu ontem, vitimado pela tuberculose pulmonar, Alvaro Carlos Ferreira, operário gráfico da Imprensa Nacional, onde era empregado há uma dezena de anos.
O seu funeral efectua-se hoje pelas 14 horas, saindo o prestito fúnebre da sua residência, na rua D. Carlos Macarenhas, 10 r/c, para o cemitério oriental. O acompanhamento é a pé.
Faleceu ontem, vitimado pela tuberculose pulmonar, Alvaro Carlos Ferreira, operário gráfico da Imprensa Nacional, onde era empregado há uma dezena de anos.
O seu funeral efectua-se hoje pelas 14 horas, saindo o prestito fúnebre da sua residência, na rua D. Carlos Macarenhas, 10 r/c, para o cemitério oriental. O acompanhamento é a pé.

LA NOVELA SOCIAL

Interessante colecção de 10 novelas colaboradas por um bom numero de escriptores revolucionários — Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA

IMPRENSA

«Revista Insular»
Publicou-se o primeiro numero desta revista que, segundo o declara no seu programa, se propõe defender os interesses regionais das ilhas adjacentes.
Trostky. — Constituição politica da República dos Sovietes..... \$50
G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha C. de G. O. N. M. — Procriação consciente..... \$500

TEATROS

No Teatro Salão Foz

Um escolhido programa de variedades

O Teatro Salão Foz não é uma «boite» de variedades que deixe «estagnar» no seu palco os números que apresenta nos seus espectáculos. E' esta uma das características mais simpáticas deste teatro. O público reconhece o esforço e a intenção e assim concorre em numero elevado. Os números da dançarina-completista Pitusilla arrancam todas as noites estrepitosos aplausos, as vezes até prejudiciais à resistência física da tiple, que é enodada no seu repertório. Os outros artistas que actualmente trabalham no Foz contribuem para o conjunto agradável que permite o agrado a todos os paladões. As cançonetistas-bailarinas francesas, Eliane e Paulette Amy, que são duas artistas finas, com suas danças e canções inusitadas naquela categoria de público que prefere o género francês, ligeiro e frívolo. A completista Titinette, plásticamente apreciável, é também um elemento de valor. Como se não bastassem estes números, por si bem recomendáveis, a empresa contratou um duo lírico que fez agora a sua estreia: Artelli e Guitart. São duas vozes seguras, afinadas ao serviço dum programa atraente. Especializarei a forma como o tenor Artelli cantou a «jota» da «Alegria da Huerta», que teve de bisar, não por imposição da claqué, mas por sincera manifestação da assistência, e o dueto do 3.º acto da «Aida» em que os dois cantores souberam valorizar os «agudos». A Foz Melody Band, núcleo apromorado de artistas, preenche um lugar de destaque não só nos acompanhamentos, mas ainda nos números de intervalo. Este sexteto é hoje no género o melhor que Lisboa conta.

Nogueira de BRITO

A nova revista do Variedades
Está em foco, com a sua graça, optimo desempenho e deslumbramento de apresentação, o «Sarcóte», a nova revista do teatro Variedades, do Parque Mayer. Julieta Soares, Hortense Luz e Anita Salomó, são os ídolos do público, que os aplaude entusiasticamente. Pela sua parte, Carlos Leal, no «compre» e Augusto Costa, em vários numeros, mantêm o auditorio em permanente gargalhada. A manhã estreia-se a gentile e formosissima bailarina senhorita Pilar Mejias.
O Cabaz de morangos
Repete-se hoje no Eden, em duas sessões, nada mais sendo preciso acrescentar para que as enchesse sejam formidáveis.
— No teatro da Trindade fez ontem a sua reaparição a companhia Lucília Simões-Erico Braga, que inaugurou a sua temporada oficial de Lisboa. Representa-se hoje a comédia «O principe João», com a actriz Lucília Simões no papel de «Clara Darlon» e Samuel Diniz no protagonista. Os restantes papeis são desempenhados por Amelia Pereira, Dina Stiehm, Laura Fernandes, Ivone Izidro, Noemia Pinto, Joaquim Almada, Seixas Pereira, Mario Santos, José Monteiro, Leopoldo Santos, Conto, Sampaio, etc.

Os espectáculos no Foz

Hoje é o unico domingo em que se apresentam no Foz, tanto na «matinée» como na «soirée», os grandes artistas de variedades Artelli-Guitart (dueto lírico), Eliane et Paulette Amy (cançonetistas-bailarinas francesas), a completista espanhola Pitusilla que há perto dum mês vem conseguindo sucessivos triunfos, a completista Titinette. Abre os espectáculos, tanto na «matinée» como na «soirée» o notável «film» em 6 partes «As aparições lúndes» e acompanha todos os números a popular orquestra de «jazz» «Foz Melody Band». Os preços são os mais baratos de todos os teatros de Lisboa.

Protecção à infância

O Grupo Excursionista 8 de Setembro de 1906 pretende este ano, à semelhança dos anteriores, beneficiar algumas crianças, pelo Natal. Já encestou os seus trabalhos.
E a fim de angariar donativos para essa acção de solidariedade fez um sorteio pela lotaria do Natal deste ano de vários objectos de valor, que estão expostos numa casa da Baixa, e que constituem 1.º e 2.º prémio, composto respectivamente de um serviço de trinchante em prata e de um jogo de treze colheres igualmente em prata.
A Batalha recebeu a amável oferta de solidariedade de duas crianças por quem se interesse, o que agradecemos.

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

- Maximo Gorki**
Como se forja um Mundo Nuevo..... 6\$00
Cuentos de Itala..... 6\$00
La vida de un Hombre innecesario..... 6\$00
Wladimir Korolenko
El Imperio de La Muerte..... 6\$00
Dr. G. Faydoux
La vida trágica de los Trabajadores..... 10\$00
Jean Masezan
La Educación Sexual..... 10\$00
El matrimonio, el amor libre y la libre maternidad..... 9\$00
E. Reclus
La Montaña..... 6\$00
El Arroyo..... 6\$00
Octavio Mirbeau
El Calvario..... 6\$00
P. Krapotkin
La ética, la revolución y el Estado..... 6\$00
Luis Fabbi
Critica revolucionaria..... 6\$00
H. Malatesta
Ideário..... 6\$00
F. Dostoyevsky
Los Hermanos Karamazov..... 9\$00

LA NOVELA SOCIAL

Interessante colecção de 10 novelas colaboradas por um bom numero de escriptores revolucionários — Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA

IMPRENSA

«Revista Insular»
Publicou-se o primeiro numero desta revista que, segundo o declara no seu programa, se propõe defender os interesses regionais das ilhas adjacentes.
Trostky. — Constituição politica da República dos Sovietes..... \$50
G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha C. de G. O. N. M. — Procriação consciente..... \$500



Teses a apresentar ao Congresso Nacional dos Operários da Indústria de Alimentação

A Organização de Sindicatos no Ramo de Alimentação

A organização sindical é, em todas as indústrias, a preocupação dos militantes operários e dos partidários da luta de classes. Desde que as doutrinas de emancipação começaram a invadir o campo das realizações práticas, surgiram sempre dificuldades que se vão aplanando, que se vão desviando do caminho por onde marchamos.

No entanto, forçoso é confessá-lo: as doutrinas de emancipação humana que insuflam o vigor ao sindicalismo, têm sido em muitos casos mal interpretadas, o que tem também originado aos organismos umas vezes desvios desagradáveis e perniciosos outras vezes prejuízos irreparáveis, perda de esforços, dispêndio de tempo, e inutilidade de muitas tentativas de organização sindical nas várias indústrias.

Embora tenhamos a animarmos na luta o calor das sublimes ideias, embora sejamos rigidamente, intransigentemente partidários dos mais puros ideais não devemos porém, mantermos por teimosia um determinado ponto, para satisfazer um princípio possivelmente estabelecido que nos julgamos prejudicial ou mesmo pouco proveitoso para a causa operária.

O mesmo entendemos no que respeita ao critério até hoje seguido na organização operária e sindical.

Vemos que a maioria dos congressos corporativos e nacionais se têm manifestado contrários aos sindicatos mistos de operários; e, contudo, verificamos que estes ainda têm razão de existir nas pequenas cidades e vilas aonde o número de operários não dá para constituir sindicatos de especialidades ou de indústria.

E reconhecemos a razão, e a necessidade mesmo, da existência destes sindicatos porque queremos ver a organização proletária atingir todas as vilas e aldeias, e para isso, entendemos que é de grande vantagem organizar em todas as localidades o que for possível organizar-se.

Lancemos à terra a semente e acarinhe-mos-a que ela se multiplicará em obediência às leis da Vida.

Ora as indústrias de alimentação, a pesar do grande número de operários dos dois sexos que empregam, têm um pequeno número de sindicatos, e por consequência, poucos operários sindicalizados.

E' preciso pois, actuar de modo a conduzir à sindicalização o maior número possível de operários.

Das coisas que se vê também as condições em que se encontram as respectivas indústrias—muito pulverizadas, e portanto, com os operários muito fraccionados, o que dificulta grandemente a sua organização.

Existem já alguns sindicatos de valor, não há dúvida, mas são os maiores centros, e nós constatamos que os pequenos centros prejudicam imensamente as organizações existentes, porque fornecem sempre e em todos os casos os braços que fazem uma concorrência perniciosa e atraem todos os movimentos reivindicadores cujo alcance esses operários não conhecem.

E' preciso, pois, organizar os pequenos e os grandes centros.

E para isso, teremos, talvez, de estabelecer uma excepção que nos permitam tirar bons frutos dos nossos esforços.

Reunimo-nos em congresso do Ramo de Alimentação para a criação da respectiva Federação.

Porém, não julgamos conveniente a criação forçada de sindicatos do ramo de alimentação em localidades onde já existem sindicatos de indústria relativamente fortes, como sejam em Lisboa e Porto os seus manipuladores de pão, pasteleiros, empregados de hotéis, etc. Fusionar num só os sindicatos do ramo de alimentação de Lisboa e os do Porto, cremos que seria um erro, visto que qualquer deles tem de se manter em actividade latente, devido às complicações que a cada momento surgem nas suas indústrias e aos inúmeros casos que sempre se dão e que são privativos de cada indústria e ao número de filiados que tem.

A constituição de sindicatos do ramo de alimentação, em Lisboa e Porto, seria um erro tremendo—caso o congresso tal a aprovasse—e se fosse possível organizá-los, do que duvidamos.

O estabelecimento do trabalho diurno na Indústria de Panificação em Portugal

Prezados congressistas:—A indústria de panificação em Portugal, tal qual está sendo executada, não obedece às condições precisas, quer para os operários, quer para o público em geral, e até para o funcionamento da manipulação manual ou mecânica.

Com a modificação do trabalho nocturno para diurno, tem o povo português tudo a lucrar, pela simples razão de que o pão passa a ser fabricado higienicamente, porque é muito diferente a sua fabricação a luz do dia, do que feita de noite sob intensas trevas, e quantas vezes a luz moribunda de um candeeiro de petróleo. Tem o consumidor tudo a ganhar, tanto moral como materialmente, deixando de ser tão explorado.

As padarias tornar-se-ão mais higienicas e asseadas, deixando de existir dentro delas os celebres dormitórios, a exemplo do que já se faz na França, na Alemanha, na Bélgica, na Argentina, no Brasil e ainda outras nações do mundo.

Para o aperfeiçoamento da organização social, não devem por princípio algum as padarias ser mais que simples oficinas como as outras indústrias, e fazer desaparecer a organização actual de "casas dormitórias" donde depende todo o pouco asseio do pão que comemos.

Assim a passagem do trabalho de noite para de dia, impõe-se o mais urgentemente possível para que façamos respeitar a lei das 8 horas de trabalho (com alteração do sábado) sem prejuízo do povo consumidor nem da indústria, porquanto esta última ainda tem a lucrar na economia de luz, lavagem de roupas, camas e dormitórios, etc., etc. E circunstâncias que não consideramos de princípio o povo deve notar, devido ao velho hábito, que é ter hoje o pão quente pela manhã e depois passar a tê-lo às 12 horas até à hora de fechar os estabelecimentos, sem que vejamos motivos de prejudicar o público consumidor, pois que aqueles que quiserem fornecer-se de um dia para o outro, têm mais tempo de o fazer.

A IGREJA DE NOVO EM FOCO

Depois de estender os seus tentáculos pelos mais recônditos cantos da provincia a reacção prepara-se para formar o salto sobre a capital, iniciando a acção em Cacilhas

Em contradição com o estado um tanto decadente em que permanece a organização operária e a que se diz liberal, democrática ou avançada, a Igreja e a organização reaccionária ou conservadora vivem numa era de prosperidade e um momento de verdadeira engrandecimento.

Por toda a parte, incluindo mesmo nos grandes centros como Lisboa e Porto, a sua acção e o seu poder exerce-se já, num tal grau de adiantamento, que saindo portas fora das igrejas, transpõem as próprias ruas onde a lei não deixava chegar e galga ao interior das nossas habitações. Já se não contenta como há pouco, com a realização das suas solenidades nos templos, na chamada casa de Deus; já quer mais, quer ir até ao largo, descer até à rua, percorrer todas as artérias.

A sua força vai sendo imensa, descomunal, daí a necessidade de se mostrar, de se dizer forte e de indicar aos outros aqueles que, a título de praticar o desporto e jogar o futebol, por ela se deixaram contaminar e pela sua influência distrair. Ontem, era a Igreja que ao contemplar a expansão dos ideais de emancipação humana e o desenvolvimento dos nossos sindicatos, se recolhia temerosamente nos seus templos então desertos. Hoje, são os nossos sindicatos que ao constatarem a opulência desses templos e a frequência aos seus actos, os toham com receio e os julgam com pessimismo.

Assim é quasi que, à maneira de insulto, ela alardeia o seu poder e impõe a sua força. Ontem, realizando peregrinações fantásticas ou paradas monstrosas com a armadilha de Fátima; hoje, descobrindo miraculadas e inventando milagres; amanhã, numa provocação que revolta e numa demonstração que enoja, efectuando cortejos processionais a dois passos de Lisboa.

Não é, contudo, a Igreja que eu tenho de condenar, como não são os seus evagários ou ministros que nós temos de censurar. Não! porque uma e outros, estão no seu campo e desenvolvem ou preparam o seu terreno. O que nós temos de condenar ou criticar é o procedimento dos que renegam o seu passado e esquecendo o seu presente, por política, por desmaio e até por conveniências pessoais ou materiais, deixam com o desaparecimento dos seus sindicatos, medrar esse escalacho, cuspir insultos e vomitar insidias, sob as suas tendas! Sim porque nem outra coisa se pode chamar a essas pretensões de meia dúzia de taberneiros ou indivíduos avinhados, ignorantes ou fanáticos que de novo querem impor a toda uma população como em breve vai suceder à de Cacilhas e Almada, a realização dum acto contrário aos seus princípios e estranho às suas tradições.

A Igreja sente-se forte e alicerçada na ignorância dum parte do povo e daí o atrevimento com que desdenhando dos protestos platónicos põe na rua essa espécie de cortejo, que só lá dentro se deveria exhibir, se além da demonstração do terreno conquistado, não visasse a ofensa dos sentimentos dos que embora a combatam, não têm força suficiente para a fazer recolher ao meio de onde nunca deveria ter saído, até mesmo em proveito das suas doutrinas, pois, só assim seriam respeitadas e até um tanto acreditadas.

Mas o padre não se preocupa com o crédito que ao povo possa merecer as suas cerimónias ou a importância que ele possa ligar às suas exéquias. Ao padre, o que importa é a influência que possa exercer na consciência alheia, o domínio que possa ter

manuais ou mecânicos, os respectivos trabalhos principiarão às cinco horas da manhã, largando cada operário na sua altura conforme o horário afixado, até que termine a laboração, conforme o artigo anterior.

5.º Aos sábados a laboração prolongar-se há por mais algum tempo, e os estabelecimentos encerrar-se-ão às vinte e duas horas, para reabrir-se às nove horas da manhã de segunda-feira, principiando também nesse mesmo dia o funcionamento das oficinas e fábricas às cinco da manhã.

6.º Durante o tempo da laboração do trabalho, quer nas oficinas, quer ao balcão, deverá haver o tempo de interrupção necessário para a refeição do respectivo pessoal.

7.º Aos domingos não será permitido o funcionamento das padarias, oficinas ou fábricas de panificação, a fim de se facultar aos empregados e operários, da indústria de panificação, o repouso semanal já estabelecido por lei.

8.º Para economia da indústria de panificação, no prazo de trinta dias deixarão de existir os dormitórios dentro das padarias, fábricas ou oficinas, tornando-os dignos do acção de que carecem.

9.º Para efeito do bom cumprimento das disposições que estabelecem o trabalho diurno nas padarias, qualquer sócio das associações dos operários manipuladores de pão poderá com o concurso dum agente da autoridade fazer respeitar as ditas disposições e exercer a conveniente vigilância de fiscalização.

10.º Aos sábados todo o pessoal operário e assalariado da indústria de panificação deve trabalhar o suficiente para ao abastecimento do público, do dia imediato (domingo), mas nunca poderá ir além do dobro, e sem perda de vencimentos do dia de descanso semanal como actualmente.

11.º O regulamento a que se refere o n.º 1.º desta tese será sempre afixado em sítio bem visível à entrada das fábricas ou oficinas de panificação, para efeitos da fiscalização das comissões e quem de direito.

Outubro de 1926. — A Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Pão de Lisboa, Relator, Borges Gamboa.

CONFERÊNCIAS

"A criança no lar e na rua"

A escritora, sr.ª D. Maria O'Neill, realiza na próxima quinta-feira, às 21 horas, na sede da Liga Pró-Moral, rua de S. Vicente, 2, 1.ª, uma conferência sob o tema: "A criança no lar e na rua."

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

Congresso da C. G. T. mexicana

Na cidade do México, reuniu-se, em princípios de Outubro, o V Congresso da C. G. T. mexicana, aderente à A. I. T. Resolveu-se a criação de um "comité de organização e propaganda continental", o qual se encarregará do seguinte:

Realização de um vasto inter-câmbio de jornais, folhetos, edições e todas as publicações de carácter revolucionário no continente;

Intensa propaganda dos princípios anarquistas e das resoluções dos congressos gerais em todos os países americanos;

Edição de periódicos, folhetos, etc., e um boletim mensal que refira todos os acontecimentos no continente americano, que afectem ou interessem ao proletariado anarquista. Esse boletim será enviado a todas as organizações e editoriais da América e conterá todos os elementos que sejam expedidos pelas organizações operárias do continente americano;

Procurar a unificação solidária e fraterna de todas as organizações, afins com os nossos princípios.

Ao criar este comité, a C. G. T. teve em conta a imperiosa necessidade de uma aproximação entre as organizações da América que propugnam os princípios anarquistas e não estejam actualmente unidas para a luta cotidiana, no intento de conseguirmos uma força poderosa que enfrente o capitalismo e o estado.

Estamos perfeitamente convencidos de que, ao analisar-se os propósitos que nos animam para a luta revolucionária na América, se obterá a necessária força para bater a reacção burguesa e política, realizando-se assim, rapidamente, a revolução social que levará ao comunismo anarquista.

O nosso desejo é, também, ao organizar-se a Federação Geral Operária da América Central e da Confederação Operária do Continente Americano, que todas as forças do proletariado caminhem unidas, a fim de obterem o completo aniquilamento do actual sistema capitalista e social, estabelecendo uma constante e directa comunicação com todos os organismos do continente americano, conseguindo-se uma acção uniforme para a finalidade comum.

Dada a transcendência deste objectivo, esperamos que todas as organizações irmãs respondam a este chamamento, enviando com brevidade o seguinte:

Toda a espécie de jornais, livros, folhetos e outras publicações que se editem na sua localidade e que interessem aos camaradas de luta;

Solicitem das nossas editoriais que enviemos directamente e com a maior brevidade, todas as publicações para bibliotecas e de propaganda generica;

Uma relação detalhada de todas as sedes de sindicatos, uniões, federações, etc., que pertençam à sua região, e, bem assim, de simpatizantes, a fim de lhes ser enviadas, directamente e imediatamente, o nosso boletim e demais formas de propaganda. (Informação recebida por intermédio da A. I. T.)

Jardim Zoológico

Hoje há transporte de crianças, em palanquim, pelo lama e pelo elefante *Miúdo*, animais muito doces e que são o encanto da pequenada. Exposição de dólidos-cactus das variedades Melody, Valiant, Pegasus, Adriano Júlio Coelho, Eduardo Malta, Te-limp, etc.

LUTA DE CLASSES

Pessoal da casa Venâncio do Nascimento (Porto)

PORTO, 15. — O pessoal da casa Venâncio Nascimento prossegue intransigentemente na sua luta contra os desígnios da depreciação dos salários que os industriais tentam levar à prática. As ameaças que se desenhavam entre os bastidores do patronal, não conseguem amedrontar os operários em greve, os quais, nas suas reuniões que se efectuam esta semana, ratificaram entusiasticamente as suas resoluções de persistirem na peleja até ao último alento.

Nas referidas reuniões da classe e dos grevistas, não só tem sido acremente verbalizada a atitude dos industriais, mas principalmente o procedimento indigno de traição por parte dos encarregados a que já nos referimos.

Desses sobressaia o conhecido Augusto Silva, antigo militante e arengador às massas operárias da indústria. De antes, para despertar a emoção da classe, falava na sorte da sua família, dos seus filhos, para os quais não era justo reservar-se-lhes um futuro negro de miséria, de fome.

Agora, atrelado à postura de vendido aos patrões, ainda é mais papista do que o papa: é um ascoroso dragão contra os seus colegas de ontem. Todos os ofícios que recebe do sindicato acham-lo cumprimento dos seus deveres, vai mui sevandamente mostrando aos seus, depois de lhes lambere as costas das mãos, cair no agrado dos donos...

E armando-se em valentão irresistível, ridiculamente faz constar que tem uma pistola carregada para se defender dos grevistas, ou melhor: para atacar aqueles seus antigos camaradas que hoje defendem o pão dos seus e que ontem queria também para os que lhe pertencem...

Esta covarde exibição tem irritado bastante a classe do mobiliário, a qual, certamente, registará a traição de tais papifes, para futuros ajustes de contas condignas.

Hoje, efectuou-se nova reunião no Sindicato Único do Vestuário, unanimemente ficando deliberado continuar a repelir intransigentemente as intenções vexatórias e latrocinantes da casa Venâncio Nascimento. Quando eles quiserem, também os grevistas.

Uma activa propaganda nas sedes dos Sindicatos de Lisboa, marcando um mês por Horário de Trabalho, editando-se manifestos de modo a interessar todas as classes no cumprimento e no hábito de tal regalia da qual este Sindicato não está disposto a abdicar.

Vida Sindical

Comissão Instaladora

Reuniu ontem a Comissão Instaladora da C. S. T. Apreçou vários expedientes, relativos, um, ao próximo Congresso Local, a realizar no fim do corrente mês, e outro a assuntos de interesse para várias classes.

A Comissão Instaladora mais uma vez insiste com os sindicatos a quem, oportunamente, foi enviada a circular de 27 de Setembro último, que se refere aos elementos precisos para a comissão encarregada de elaborar a tese sobre "Crise e horário de trabalho" bem se poder desempenhar do seu mandato, o rápido envio das suas respostas.

A Comissão Instaladora, a pesar das notícias em contrário, continua no firme propósito de efectivar a realização do Congresso Local na data fixada pelo Conselho da C. S. T., isto é, em 29, 30 de Outubro e 1.º de Novembro. Não havendo qualquer motivo para que o congresso seja adiado, como se pretende fazer acreditar, a comissão nega a veracidade duma notícia inserida num diário da tarde de ontem, na qual se afirma que o congresso só se efectuará em fins de Novembro e princípios de Dezembro.

De resto, só o Conselho Geral da C. S. T. poderia resolver, por proposta da Comissão Instaladora, e não só aquele não reitua ainda, como a comissão não pensa, sequer, em tal adiamento.

A Comissão Instaladora, se bem que ache muito "interessantes" certas notícias, publicadas por vários rotativos e que à C. S. T. se referem, tem a franqueza de confessar que elas são, a maior parte das vezes falsas, só servindo, por isso, para provocar a desorientação.

No entanto, a Comissão Instaladora aprecia muito mais que essas notícias fossem menos "interessantes" mas mais verdadeiras.

E' convidado o camarada José Florêncio Pedrosa a vir à sede da C. S. T. na próxima quarta-feira, pelas 21 horas, para trocar impressões sobre o conteúdo do seu ofício ontem enviado à Comissão Instaladora.

CONVOCAÇÕES

Federação Metalúrgica.—Nota oficial.—A Federação Metalúrgica em Portugal, faz por este meio ciente a todos os organismos seus aderentes, de que na impossibilidade de entregar pessoalmente ao ministro do Comércio e Comunicações a súmula de medidas atinentes a solução da crise de trabalho, o fez por intermédio de um dos seus secretários, digníssimo engenheiro António Maria Fernandes, na sexta-feira, conforme a publicação em "A Batalha".

Conforme a declaração do secretário que recebeu a comissão dimanada deste organismo, ficou assente que s. ex.ª o ministro conferenciaria com a mesma comissão, logo que tenha tomado conhecimento concreto das reclamações apresentadas. Espera, portanto, este organismo que s. ex.ª não descurará o assunto como aliás vinha sucedendo, posto que já duas vezes se lhe tinha oficiado solicitando audiência, ao que nunca acedeu.

Outrossim faz sentir a todos os sindicatos que não responderam às circulares sobre a crise de trabalho, que o supra-exposto não os iliba da resposta, visto que a Federação necessita saber tão quanto possível concretamente o estado da indústria em todo o país.

REUNEM-SE HOJE

Pintores da Construção Naval.—Pelas 14 horas, assembleia geral, para apreciação da circular da C. S. T. acerca do congresso e outros assuntos de interesse colectivo.

Federação Metalúrgica.—Conselho Federal.—Reúne em segunda convocação na terça-feira, pelas 21 horas, com a ordem de trabalhos já publicada.

DIAS PRÓXIMOS

S. U. Civil.—Conselho Técnico.—Para verificação de contas referentes ao mês findo, reúne-se amanhã o Conselho Fiscal.

S. U. Metalúrgico.—Amanhã, pelas 20 horas, em sessão conjunta, as comissões administrativas da central e da secção de Belém; assunto de interesse para a classe.

Um administrador que intima, sob pena de prisão, um cego a ser vogal de uma comissão

FANHÕES, 14.

A pesar de vivermos em período de competições, há um grande embaraço para a formação dessas entidades que hão de guiar os destinos das freguesias.

A comprovar a nossa asserção vamos hoje contar, aos leitores um caso picaresco que o há de fazer rir um bocadinho. El-lo:

O administrador do concelho de Loures, querendo compor a Comissão Administrativa da freguesia de Fanhões, ou com mais propriedade, querendo organizar a respectiva Junta de Freguesia, intimou um indivíduo deste lugar, que por sinal é cego de um olho, vindo pouco do outro, a aceitar o lugar de vogal dessa Junta. Mas quer o leitor saber em que termos foi feita essa intimação? Leia o ofício que segue, dirigido ao regedor de Fanhões:

"Serve este para intimar o cidadão Joaquim Machado Bento a tomar posse do cargo de vogal da Comissão Administrativa da freguesia de Fanhões.

Caso se recuse a tomar posse deve-me comunicar o facto imediatamente a fim de lhe ser levantado o auto de desobediência e rigorosas medidas serem tomadas contra ele.

Saúde e Fraternidade.—O administrador do concelho de Loures, António Barata.

Que lhes parece? Ou aceita o cargo, ou vai para a cadeia!

ASSINEM Os mistérios do Povo